

## Os registros paroquiais de batismo da Freguesia do Mártir São Manoel do Sertão do Rio Pomba e Peixe dos índios Cropós e Croatos, segunda metade do século XVIII

*Angelo Alves Carrara*

*Jonis Freire*

*Gabriela Moyle<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo apresentar as possibilidades de análise de uma fonte paroquial, qual seja, os registros de batismo dos índios Cropós e Croatos da Freguesia do Mártir São Manoel do Sertão do Rio Pomba e Peixe, da segunda metade do século XVIII. Trata-se de uma pesquisa inicial e que visa abordar aspectos do cotidiano das populações envolvidas naquele sacramento, sobretudo as de origem indígena. Ou seja, são reflexões acerca de um trabalho de investigação que visa contribuir para o processo de construção da história da Capitania de Minas Gerais. O batismo cristão foi um dos sacramentos mais importantes da sociedade colonial e seus laços extrapolaram o âmbito da Igreja e se fizeram presentes no cotidiano daquelas pessoas. Esse tipo de fonte é, portanto, de grande importância para o estudo da sociedade brasileira, pois permite o estudo de diferentes aspectos do cotidiano das populações envolvidas naquele sacramento. Com eles podemos estudar aspectos demográficos, a reconstituição de famílias, as relações de compadrio, dentre outras características daquela sociedade.

**Palavras-chave:** Fontes paroquiais. Batismo de índios. Minas Gerais. Século XVIII.

**Abstract:** This article aims to present the possibilities of analyzing a parish source, namely, the baptism records of the Indians Cropós and Croatos from Freguesia do Mártir São Manoel do Sertão do Rio Pomba e Peixe, in the second half of the eighteenth century. This is an initial research and aimed at addressing aspects of quotidian of the people involved in that sacrament, especially those of indigenous origin. That is, are reflections on

---

<sup>1</sup> Angelo Carrara é Doutor em História pela UFF e professor do departamento de História da Universidade Federal de Juiz de Fora; Jonis Freire é Doutor em História pela Unicamp e professor do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira (Universo, Niterói); Gabriele Moyle é graduada em História pela Universidade Federal de Ouro Preto e pesquisadora do Instituto Moreira Salles.

a research project that aims to contribute to the process of constructing the history of the Province of Minas Gerais. The Christian baptism was one of the most important sacraments of colonial society and its ties surpassed the scope of Church and were present in the daily lives of those people. This source is therefore of great importance for the study of Brazilian society, because it allows to study different aspects of quotidian of the people involved in that sacrament. With them we can study demographics, the reconstitution of families, relationships of patronage, among other characteristics of that society.

**Keywords:** Sources parish. Baptism of Indians. Minas Gerais. Eighteenth century.

Aos tantos de tal mez, e de tal anno baptizei, ou baptizou de minha licença o Padre N. nesta, ou em tal Igreja, a N. filho de N. e de sua mulher N. e lhe puz os Santos Óleos: forão padrinhos N. e N. casados, viúvos, ou solteiros, fregueses de tal Igreja, e moradores em tal parte.<sup>2</sup>

Foi desta maneira que as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* definiram o modelo que deveria ser seguido pelos clérigos na administração do batismo. Ainda de acordo com as *Constituições*, o batismo “era o primeiro de todos os Sacramentos, e a porta por onde se entra na Igreja Catholica, e se faz, o que o recebe, capaz dos mais Sacramentos, sem o qual nem-um dos mais fará nelle o seu efeito.”<sup>3</sup>

<sup>2</sup> *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Feitas, e ordenadas pelo Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide. 5º Arcebispo do dito Arcebispado, e do Conselho de Sua Magestade. Propostas, e Aceitas em o Synodo Diocesano, que o dito senhor celebrou em 12 de Junho do anno de 1707. Impressas em Lisboa no anno de 1719, e em Coimbra em 1720 com todas as Licenças necessárias, e ora reimpressas nesta capital. São Paulo na Typographia 2 de Dezembro de Antonio Louzada Antunes, 1853. Livro Primeiro, Título XX, p. 29. Para um “panorama” sobre as *Constituições...* conferir: FEITLER, Bruno (Org.); SALES SOUZA, E. (Org.). *A Igreja no Brasil: Normas e práticas durante a vigência das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Editora Unifesp, 2011.

<sup>3</sup> *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, Op. Cit., Livro Primeiro, Título X, p. 12. De

No Brasil, os ritos da Igreja, dentre eles os sacramentos do batismo, casamento e óbito, foram codificados no Sínodo Diocesano de 1707, a partir da adaptação das resoluções do Concílio de Trento às condições sociais brasileiras, e publicados nas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*.<sup>4</sup>

O ato do batismo é bem antigo, começou provavelmente com a imersão de Cristo por João Batista. Tânia Kjerfve e Silvia Brugger atestam que este sacramento passou a ser incorporado pela Igreja Católica desde pelo menos o século III. Seu significado é o de purificação do pecado original, simbolizando a entrada do inocente e do pagão no seio da Igreja Católica.<sup>5</sup>

O batismo cristão mostrou-se, no âmbito da sociedade brasileira, uma instituição forte e almejada por todos os estratos da população. Para além de seu significado católico, os laços estabelecidos pelos pais, padrinhos e batizados perante a Igreja Católica extrapolaram o

acordo com o mesmo código, os Sacramentos da Santa Madre Igreja, eram sete: Batismo, Confirmação, Eucaristia, Penitência, Extremunção, Ordem e Matrimônio.

<sup>4</sup> Ibidem

<sup>5</sup> KJERFVE, T. M. G.N., BRUGGER, S. M. J. Compadrio: relação social e libertação espiritual em sociedades escravistas (Campos, 1754-1766). *Estudos Afro-Asiáticos*, 20, junho de 1991.

âmbito religioso e mostraram-se presentes em toda a sociedade. Por meio daquele sacramento estabeleceram-se relações de solidariedade e reciprocidade que se consubstanciaram, por exemplo, com o compadrio (parentesco espiritual). Os padrinhos e madrinhas, “pais espirituais”, a partir daquele momento eram os fiadores dos batizados perante Deus e tinham a obrigação de zelar pela fé católica e ensinar-lhes a doutrina cristã e os bons costumes.

Tais ligações tinham uma dimensão social fora da estrutura da Igreja. Podiam ser usados para reforçar laços de parentesco já existentes, solidificar relações com pessoas de classe social semelhante, ou estabelecer vínculos verticais entre indivíduos socialmente desiguais. Construído na Igreja e projetado para dentro do ambiente social, “o compadrio significava mais que tudo, a consecução de um laço de aliança que atava, à beira da pia batismal, os pais de uma criança e seus padrinhos”.<sup>6</sup>

Neste sentido, os registros paroquiais de batismo são de extrema importância para a reconstituição demográfica da história brasileira, mais do que isto, “não são documentos apenas religiosos, mas sociais; a informação registrada fala da *persona* social total do indivíduo”.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> GÓES, José Roberto. *O cativo imperfeito: um estudo sobre a escravidão no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX*. Vitória: Lineart, 1993, p.102.

<sup>7</sup> GUDEMAN, S. & SCHWARTZ S. Purgando o pecado original: compadrio e batismo de escravos na Bahia no século XVIII. In: REIS, João José (org.). *Escravidão e invenção da liberdade: estudos sobre o negro no Brasil*. São Paulo: Brasil-

Portanto, esse tipo de fonte é de grande importância para o estudo da sociedade brasileira, pois permite o estudo de diferentes aspectos do cotidiano das populações envolvidas naquele sacramento. Com eles podemos estudar aspectos demográficos, a reconstituição de famílias, as relações de compadrio, dentre outras características do cotidiano.

Os registros paroquiais fizeram parte da burocracia eclesiástica, e como Igreja e Estado estiveram juntos com a instituição do Padroado, aqueles registros tiveram papel importante no controle religioso e jurídico tanto na sociedade colonial quanto na imperial. Na inexistência de registros civis, era fazendo uso de tais documentações, por exemplo, que um senhor de escravos comprovava a posse de um cativo recém-nascido. Batismos, casamentos e óbitos, além de seu caráter religioso, constituíram-se, então, documentos importantes tanto para a Igreja quanto para o Estado. Portanto, o emprego dessas fontes permite várias possibilidades de análise, algumas já expostas neste texto, e que obviamente não se esgotam. Da mesma forma, todos os estratos da sociedade colonial, imperial (livres, escravos, ex-escravos, brancos, negros, indígenas, imigrantes, etc.) podem ser objeto de estudos em diferentes recortes cronológicos e geográficos.

Como bem afirma Mariza de Carvalho Soares, “Aos olhos da sociedade

iense; Brasília: CNPq, 1988, p.39.

contemporânea os livros de batismo têm um significado quase desprezível, mas, no Antigo Regime eles são a forma primeira de identificação de qualquer indivíduo, livre ou escravo, pobre ou rico, nobre ou plebeu”.<sup>8</sup>

São esses registros, mais especificamente os de batismo de 1767-1793, relativos a então Freguesia do Mártir São Manoel do Sertão do Rio Pomba e Peixe dos índios Cropós e Croatos, localizada na Capitania de Minas Gerais, as fontes para nosso estudo. Cabe ressaltar que se trata de uma pesquisa inicial e que, portanto, não possui ainda resultados aprofundados. Assim, neste artigo o que apresentamos são algumas das várias possibilidades analíticas de pesquisa que a documentação nos tem possibilitado pensar e que pretendemos avançar. Ou seja, são reflexões acerca de um trabalho de investigação que visa contribuir para o processo de construção da história da Capitania de Minas Gerais. Vale destacar ainda que o livro de batismo aqui utilizado é um exemplo de um tipo de fonte paroquial. Outras fontes como os registros de casamento e óbito são, assim como os batismos, de extrema utilidade para os pesquisadores.

Existem muitos trabalhos utilizando essa fonte para a população escrava, e menos com relação aos indígenas.<sup>9</sup> Desta

<sup>8</sup> SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p.22.

<sup>9</sup> As possibilidades de pesquisas utilizando registros de batismos, casamentos e óbitos para a população escrava são muitas. Um excelente es-

paço para conhecer muitas dessas pesquisas pode ser encontrado no Núcleo de Estudos em História Demográfica (NEHD), coordenado pelo prof. Iraci del Nero da Costa em <http://www.brnuede.com/>.  
<sup>10</sup> Alguns trabalhos podem ser vistos em: MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. TAKATUZI, Tatiana. *Das guerras ao batismo: interpretações e representações indígenas nos campos de Guarapava no século XIX*. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). PAIVA, Adriano Toledo. *Pelas águas do batismo: a Freguesia de São Manoel da Pomba e a civilização do gentio. Anais do Primeiro Colóquio do LAHES*. Juiz de Fora, 13 a 16 de Junho de 2005. HELOISA, Meira. *Batismo e compadrio de índios: um balanço bibliográfico e um estudo de fontes batismais do aldeamento de Rio Pomba e Peixes (MG), 1767-1787*. Disponível em: < <http://www.ichs.ufop.br/seminariodehistoria>>. SOKULSKI, Marcos. *Depois de estar instruído nos ministérios da Fé: batismos de indígenas e identidade social em Curitiba, século XVIII*. Trabalho de conclusão de curso, 2010. (Graduação em Licenciatura e Bacharelado em História) - Universidade Federal do Paraná.

de padrões e tendências demográficas, poderemos perceber quais as estratégias, expectativas e experiências de determinados estratos da população com relação ao batismo cristão.

Com isso, por meio dos registros paroquiais de batismo da dita Freguesia, pretendemos apontar algumas possibilidades de análise deste tipo de documento de grande importância para o conhecimento de aspectos culturais, sociais, demográficos, políticos e até mesmo econômicos da sociedade mineira setecentista.

Como já dissemos, a Freguesia do Mártir São Manoel do Rio Pombo e Peixe localizava-se na então Capitania de Minas Gerais, mais especificamente no que denominamos hoje de Zona da Mata Mineira. Esta região recebeu esse nome em função da densa floresta de Mata Atlântica que ainda cobria seu território na virada do século XVIII, eram os chamados *Sertões do Leste*, áreas pouco povoadas e associadas aos domínios indígenas. De acordo com Fernando Lamas, “desde a primeira metade do Setecentos a região foi não somente devassada como também podemos detectar os primórdios de um processo de colonização e povoamento que abriu espaços e gerou condições materiais para sua estruturação no século XIX.”<sup>11</sup>

Como já se sabe essa área (Zona da Mata) não era homogênea, pois possuía algumas diferenças dentro de seu próprio território. Desde o início do Oitocentos, os diferentes processos de ocupação

territorial e os movimentos de povoação, característicos da região – reflexos do seu desbravamento desde o século XVIII –, determinaram a variada participação dos brancos, escravos e índios no conjunto da população total de cada um das freguesias, vilas, etc. Da mesma forma, influíram nos distintos padrões de propriedade fundiária e de suas produções agrárias, bem como na natureza diversa de cada um dos processos de produção, estabelecidos nas sub-regiões da Mata, denominadas Sul, Central e Norte.<sup>12</sup>

<sup>12</sup> A distinção entre as regiões da Zona da Mata de Minas Gerais não é recente. Ao estudar os dados do censo de 1940, Elza de Souza traçou um perfil das propriedades rurais em Minas Gerais no século XX, bem como de sua distribuição, segundo suas áreas médias em hectares. Dessa forma, a autora distinguiu três sub-regiões: norte, central e sul. Na que corresponderia à **Zona da Mata Norte**, a autora assinalou que a área média de propriedade era inferior a 60 hectares, 40% da sua área produtiva estavam destinadas à agricultura, sendo aí muito importante a exploração de madeiras: lenha e carvão para a indústria siderúrgica. Cerca de 60% de seus territórios eram ocupados por propriedades rurais e 30% por matas virgens. Essa região compreendia ainda uma parcela de uma autêntica zona de fronteira, onde apenas metade da área possuía sítios e fazendas que compartilhavam as estruturas fundiárias com o norte do Espírito Santo. **A Zona da Mata Central**, constituída pelos municípios que vão da margem esquerda do rio Pombo até o alto do vale do rio Doce e, daí, para leste, até o limite com o Espírito Santo, situava-se na isaritmia de 60 hectares, isto é, a área média de propriedade era menor que esse valor. Os municípios que dela participavam (Ervália, Guiricema, Visconde do Rio Branco, Senador Firmino, Ubá, a parte setentrional de Rio Pombo, Mercês, Rio Espera, Viçosa e Teixeira) tinham mais de 40% da superfície aproveitável ocupada por lavouras, com média de 34 habitantes por km<sup>2</sup>, a mais alta de toda a região. Nessa sub-região, a área média de propriedade era geralmente inferior a 35 hectares. Na **Zona da Mata Sul** – vales do Paraíba e seus afluentes Preto, Paraibuna e Pombo – as propriedades eram menos divididas. A área média era superior a 79 hectares e possuía em média menos de 34 habitantes por km<sup>2</sup>. Desta sub-região, participavam os municípios de Recreio, Leopoldina,

<sup>11</sup> LAMAS, Fernando Gaudereto. Povoamento e colonização da Zona da Mata Mineira. *Histórica* (São Paulo. Online), São Paulo, v. único, n. 8, p. 1-9, 2006, p. 1.

Ainda de acordo com Fernando Lamas:

*Podemos considerar, para melhor entendimento, duas fases no processo de colonização e povoamento da Zona da Mata Mineira. Uma iniciada na primeira metade do século XVIII e ligada à abertura do Caminho Novo, na região sul da Mata e outra que se iniciou na segunda metade do mesmo século, a partir da penetração na área central da Mata, localizada às margens do rio Pomba. Ambas possuem ligação, pois, a partir da primeira área, o Caminho Novo, partiu a expedição que deu origem à colonização da segunda área, o vale do rio Pomba.<sup>13</sup>*

Essa heterogeneidade foi reforçada por Angelo Carrara, ao constatar que, quando o recenseamento de 1872 foi feito, a Mata – cuja área correspondia a cerca de 5% do território de Minas Gerais – detinha 16,57% da população total e 24,39% da escrava da província. Todavia, no interior dessa região ocorriam diferenças importantes quanto à porcentagem de população escrava de cada paróquia, reflexos das políticas de povoamento iniciadas no século XVIII. As cifras desiguais permitem estabelecer uma cartografia da difusão da produção. Quanto mais distante da área

da monocultura cafeeira, menor era a participação dos escravos nas lavouras. Dos 157.909 habitantes da Zona da Mata Sul – correspondente aos municípios de Rio Preto, Juiz de Fora, Rio Novo, Mar de Espanha e Leopoldina – 55.584 (i.e., 35,20%) eram cativos. Havia, na Zona da Mata Norte – Ponte Nova – 54.032 habitantes, sendo 7.551 (13,97%) indivíduos escravizados. A Freguesia do Mártir São Manoel do Rio Pomba e Peixe, abordada neste artigo, compunha a chamada Zona da Mata Central – Viçosa, Muriaé, Ubá e Rio Pomba – onde dos 136.603 habitantes totais, 27.240 (19,94%) eram escravos.<sup>14</sup>

Durante o período colonial, a Freguesia do Mártir São Manoel do Rio Pomba e Peixe constituiu-se como uma área de sertão.

Os Sertões do Rio Pomba constituíam uma barreira natural, floresta impenetrável e uma 'região proibida' para colonização durante parte dos setecentos. (...), os governadores ressaltaram a 'selvageria' dos nativos como uma estratégia para intimidar as investidas coloniais nos sertões leste da Capitania. Os indígenas tornaram-se sentinelas do sertão, contendo as explorações minerais e os contrabandos. Entretanto, os nativos personificaram em fins dos setecentos um empecilho para a conquista das terras sertanejas e de suas riquezas.<sup>15</sup>

Volta Grande, Além Paraíba, Mar de Espanha, São João Nepomuceno, Rio Novo, Bicas, Matias Barbosa, Juiz de Fora e Santos Dumont. Mais de dois terços desses municípios eram ocupados por pastagens. SOUZA, Elza Coelho de. Distribuição das propriedades rurais no Estado de Minas Gerais. *Revista Brasileira de Geografia*, jan.-mar. 1951, 13(1), p. 52-3.

<sup>13</sup> LAMAS, Fernando. Op. cit., p. 2.

<sup>14</sup> CARRARA, Angelo Alves. *A Zona da Mata de Minas Gerais: diversidade econômica e continuidade (1839-1909)*. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 1993. (Dissertação de Mestrado em História).

<sup>15</sup> PAIVA, Adriano Toledo. *Os indígenas e os processos de conquista dos sertões de Minas Gerais (1767-1813)*. Belo Horizonte: Argvmentum, 2010, p. 35-36.

Por meio da atuação da Coroa, os domínios indígenas passaram a ser incorporados com a justificativa de conversão daquelas populações.<sup>16</sup> Civilizar esses índios, tidos como bárbaros indivíduos era o que se pretendia.<sup>17</sup> Cabe lembrar que agregado a essa tarefa sacerdotal e civilizatória estavam os interesses econômicos da Coroa, em um momento no qual começam a declinar as lides mineradoras em Vila Rica e Mariana. Esse processo de conquista dos *Sertões do Leste*, e mais especificamente dos Sertões do Rio Pomba, trouxe consigo a formação de um aldeamento na localidade. A partir

dele deu-se um aumento demográfico da população residente naquela região, que começava a se formar a partir de 1764, sendo a Freguesia do Mártir São Manoel do Sertão do Rio Pomba e Peixe dos índios Cropós e Croatos instalada em 1767 juntamente com a chegada do padre Manuel de Jesus Maria.<sup>18</sup>

Como, a partir de 1757, a Lei do Diretório dos Índios já havia estabelecido que os aldeamentos deveriam ser transformados em freguesias e que a permanência de não índios no interior deles estava liberada, a região acabou por receber um número considerável de pessoas. Isto fez com que as terras indígenas passassem a ser repartidas entre colonos, provocando uma proximidade muito grande entre índios, colonos e negros. É claro que, com o tempo, os índios perderam suas terras ou foram incorporados à sociedade por meio de casamentos mistos com brancos, prática também incentivada na mesma lei e que pode ser percebida por meio dos registros paroquiais de batismo.<sup>19</sup>

<sup>16</sup> Acerca dos contatos iniciais com os indígenas nesta região, bem como sobre sua resistência conferir: VENÂNCIO, Renato Pinto. Os últimos dos Carijós: escravidão indígena em Minas Gerais: 1711-1725. *Revista Brasileira de História*. Volume 17, nº 34, São Paulo, 1997. MARCATO, Sônia de Almeida. A repressão contra os botocudos em Minas Gerais. In: *Boletim do Museu do Índio – Etnografia*. Nº 1, maio, 1979. SANTIAGO, Sinval. *História do município de Rio Pomba: síntese histórica*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991. FURTADO, Júnia Ferreira (org.). *Diálogos oceânicos: Minas Gerais e as novas abordagens para uma história do Império Ultramarino Português*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2001. VENANCIO, Renato. Pinto. Antes de Minas: fronteiras coloniais e populações indígenas. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos. (Org.). *História de Minas Gerais: as Minas Setecentistas*. V.1. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007. Ainda sobre a questão indígena, em Minas e outras regiões, conferir entre outros: ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Metamorfoses Indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003. RESENDE, Maria Leônia. C. *Gentios brasílicos: índios coloniais nas Minas Gerais do século do ouro*. São Paulo: Hucitec, 2008.

<sup>17</sup> Sobre esse aspecto e outros relacionados às populações que habitavam os sertões mineiros conferir: AMANTINO, Marcia. *O mundo das feras: os moradores do sertão oeste de Minas Gerais – século XVIII*. São Paulo: Annablume, 2008.

<sup>18</sup> De acordo com Adriano Toledo Paiva: “A freguesia da pomba era de grande extensão territorial, correspondendo à porção sul e central da atual Zona da Mata. A paróquia confrontava ao norte com a Cidade de Mariana, na Serra dos Arrepiados, atual município de Araponga, prolongando-se até a Freguesia de Guarapiranga, na sua capela filial de São José do Xopotó. Em sentido oeste, a jurisdição paroquial transpunha a Serra das Mercês até a foz do Rio Cágado, ao sul. A freguesia se limitava com o Termo de Barbacena e a leste correspondia a toda porção da barra do Rio Pomba até sua foz no Rio Paraíba.”. PAIVA, Adriano Toledo. Op. cit., p. 29.

<sup>19</sup> Sobre o Diretório conferir: ALMEIDA, Rita Heloisa de. *O Diretório dos Índios: um projeto de civilização no Brasil do século XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

### **As fontes: o livro de batismo de 1767-1793**

A religião foi um dos processos centrais com o qual se procurou fazer a assimilação dos índios. Procurava-se retirá-los do estado de barbárie para o seio da fé católica por meio da conversão. O batismo cumpriu essa primeira missão. De acordo com John Monteiro: “(...), foi antes necessário introduzir os índios no mundo católico através do batismo e da adoção de nomes cristãos.”<sup>20</sup>

Na região que estudamos não foi diferente. O processo de colonização e povoamento do vale do rio Pomba e de suas áreas adjacentes, que englobam a região central da Zona da Mata Mineira, iniciaram-se quase que concomitantemente com o de catequese dos indígenas locais. Indo mais longe, podemos dizer que a catequese dos habitantes originais teve como objetivo a pacificação dos mesmos para a inserção da região na economia colonial, uma vez que a mineração, atividade principal da Capitania desde o final do século XVII, encontrava-se em franco declínio.

O batismo de escravos e brancos na Freguesia de Rio Pomba, assim como sua participação como padrinhos/madrinhas, indica que, para além da missão principal de estabelecer na região um aldeamento com o intuito de “domesticar” a população indígena, houve também uma tentativa de colonização. Muito provavelmente os indivíduos que para lá se

dirigiram, sobretudo os da região mineradora, devem tê-lo feito com seus familiares, escravos e outros bens materiais.

Segundo Ângelo Alves Carrara, a população de Rio Pomba saltou de 1.179 almas de confissão, em 1780, para 4.815, em 1800, o que corresponde a um aumento de mais de 400% em 20 anos. Não acreditamos que este aumento se deva exclusivamente à incorporação de indígenas, apesar de não podermos ignorar este fato. Portanto, a imigração oriunda da região mineradora também deve ser levada em conta.<sup>21</sup> Essa hipótese pode ser confirmada pela atuação do vigário Manoel de Jesus Maria, que argumentava ter vendido algumas glebas de terra para que pudesse assistir aos índios, pois não possuíam rendimentos. De acordo com o mesmo pároco, a paróquia já possuía, por volta da década de 70 do Setecentos, cerca de 3.000 fregueses que contribuíam com a Coroa por meio da extração aurífera e do pagamento de dízimos.<sup>22</sup>

Com a análise do livro de registros de batismo, poderemos conhecer as populações que participaram daquele ritual sagrado e perceber qual a participação de brancos, índios e escravos na Freguesia. Portanto, será possível verificar se houve um adensamento populacional ou se apenas uma incorporação de índios converti-

<sup>20</sup> MONTEIRO, John Manuel. Op. cit., p.159.

<sup>21</sup> CARRARA, Angelo Alves. *Estruturas agrárias e capitalismo*: contribuição para o estudo da ocupação do solo e da transformação do trabalho na Zona da Mata Mineira (séculos XVIII e XIX). Departamento de História, Núcleo de História Econômica e Demográfica. Série Estudos, n° 2, Mariana: UFOP, 1999.

<sup>22</sup> PAIVA, Adriano Toledo. Op. cit., p.74.

dos à fé católica. A procedência (*vive em* – termo que aparece na fonte) permitirá saber de onde vinham, já que, na maioria das vezes, o vigário mencionou essa informação, permitindo delimitar geograficamente de onde vieram muitos daqueles homens e mulheres.

No dia 11 de novembro de 1767, o Vigário Manoel de Jesus Maria batizou Maria, inocente, filha de um Gentio e uma Gentia. O padrinho de Maria foi o Dr. Tomás Soares de Aguiar e a madrinha D. Maria Michaela Tereza. Esse foi o primeiro registro de batismo feito por esse padre no livro de batismo de 1767-1793, que se encontra sob a guarda do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana (AEAM).<sup>23</sup>

Aqui cabe um primeiro alerta. Apesar deste recorte cronológico, podemos encontrar em tal fonte alguns registros que vão um pouco adiante, sendo o último registro deste livro datado em 26/01/1800. Eis aqui um dos primeiros cuidados que os pesquisadores devem ter, por motivos diversos, nem sempre as datas dos livros paroquiais (batismos, casamentos e óbitos) coincide com os registros efetivamente transcritos nos mesmos.

<sup>23</sup> Sobre a atuação do Vigário Manoel de Jesus Maria, bem como sobre outros aspectos dos Sertões do Rio Pomba conferir: PAIVA, Adriano Toledo. Op. cit.; CASTRO, Natália Paganini Pontes de Faria. *Entre coroados e coropós: a trajetória do padre Manuel de Jesus Maria nos sertões do Rio Pomba (1731-1811)*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010. (Dissertação de Mestrado).

Os registros dizem respeito a índios, livres e escravos, que estavam entre batizados, pais, mães, padrinhos e madrinhas. Cabe ressaltar que entre os batizados a grande maioria era composta por indígenas. São 1124 assentos de batistério para o período. Entre os batizados, encontramos inocentes e adultos. Um fator importante para a análise desses sacramentos diz respeito ao seu celebrante. O já citado Vigário, ou às vezes, Vigário Colado Manoel de Jesus Maria, um ex-escravo, que fora incumbido de atuar na construção de uma freguesia nos Sertões do Rio Pomba e Peixe, aparece como o sacerdote responsável por todos os registros, o que nos possibilita, em princípio, uma uniformidade no que diz respeito às informações encontradas no livro. Manoel de Jesus Maria esteve à frente como Vigário da dita freguesia por 40 anos.

A distribuição das atas de batismo ao longo dos anos pode ser vista na Tabela 1. Foram em média 37,4 batizados por ano. Aquele sacramento cristão teve suas variações indo, pela análise das fontes, desde apenas um registro em 1767, até os 90 feitos no ano de 1775. A década de 1790 foi a que teve menor quantidade de batizados por ano, com exceção do ano de 1791.

**Tabela 1 - Ano da ata de batismo dos batizados na Freguesia do Mártir São Manoel do Rio Pomba e Peixe, 1767-1793**

<b>Ano da ata</b>	<b>Frequência de batizados</b>	<b>%</b>
1767	1	0,1
1768	30	2,7
1769	18	1,6
1770	32	2,8
1771	31	2,8
1772	71	6,3
1773	43	3,8
1774	34	3,0
1775	90	8,0
1776	33	2,9
1777	76	6,8
1778	58	5,2
1779	57	5,1
1780	59	5,2
1781	54	4,8
1782	74	6,6
1783	58	5,2
1784	74	6,6
1785	35	3,1
1786	44	3,9
1787	70	6,2
1788	17	1,5
1790	4	0,4
1791	43	3,8
1793	1	0,1
1794	1	0,1
1796	1	0,1
1797	1	0,1
1799	6	0,5
1800	2	0,2
<b>Total</b>	<b>1118</b>	<b>99,5</b>
Não consta	6	0,5
<b>Total</b>	<b>1124</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Livro de Batismo da Freguesia do Mártir São Manoel do Rio Pomba e Peixe, 1767-1793. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana (Doravante AEAM).

A metodologia aplicada a esta fonte para a realização deste estudo é a da demografia histórica, determinada tanto pelo objeto de análise quanto pelo tipo da fonte utilizada. Primeiramente procedemos ao levantamento dos dados encontrados nos registros paroquiais de batistério, e em seguida os dispusemos em planilha específica. Posteriormente estas informações foram transferidas para um *software* adequado para tratamento de dados, conhecido como SPSS, o que nos possibilitará um cruzamento das variáveis que compilamos.<sup>24</sup>

A coleta dos dados relativos a esse fundo documental permitiu criar um banco de dados com 46 variáveis. Claro que nem todas podem ser preenchidas, pois, mesmo tendo sido feitas por um único pároco e, portanto, com possibilidade de ter uma maior uniformidade na forma com que foram redigidas, as informações a respeito dos indivíduos variam ao longo do tempo. Resumindo, em determinados assentos aparecem informações que podem não aparecer em outros. São elas: **código**, que identifica o registro; **número da ficha de coleta**; **Data da Ata do batismo**, na qual temos o dia do sacramento; **data do nascimento do batizando**; **nome do batizado**; **sexo**, que se inferi a partir do nome do batizando; **legitimidade**, onde sabemos se o batizando é natural (fruto de um relacionamento não sacramentado pela igreja) ou legítimo; **idade**; **condi-**

**ção do batizado**, se livre, escravo, índio, forro, etc.; **escravo de (batizado)**, na qual consta o nome do proprietário no caso de escravos; **grupo/procedência**: índio, cropó, croada, angola, etc.; **cor**, se é pardo(a), crioulo(a); preto(a); **exposto a**, local em que foi exposto; **pai**, nome do pai; **vive em (pai)**, local onde mora o pai; **condição (pai)**, livre, escravo, forro; **escravo de (pai)**, nome do proprietário do pai; **grupo/procedência (pai)**; **cor (pai)**; **estado conjugal (pai)**; **profissão (pai)**; **mãe**; **vive em (mãe)**; **condição (mãe)**; **escrava de (mãe)**; **grupo/procedência (mãe)**, **cor (mãe)**, **estado conjugal (mãe)**; **profissão (mãe)**; **padrinho**; **grupo/procedência (padrinho)**; **cor (padrinho)**; **vive em (padrinho)**; **condição (padrinho)**; **escravo de (padrinho) madrinha**; **grupo/procedência (madrinha)**; **cor (madrinha)**; **vive em (madrinha)**; **condição (madrinha)**; **escrava de (madrinha)**; **Observações**; **Igreja/Capela**; **livro de batismo**; **folha do livro**, onde consta o registro, **celebrante**.

Como já acentuado, as variáveis encontradas nos registros se alteram durante o período em estudo, não obstante de forma relativamente limitada. Procuramos extrair dos dados disponíveis o máximo de informações relevantes para o estudo das estruturas demográficas da Freguesia, e a esta documentação eclesiástica aplicaremos uma análise quantitativa (história demográfica) e qualitativa (história social) que permitam, para além dos dados estatísticos, uma reflexão

<sup>24</sup> Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) - Pacote Estatístico para as Ciências Sociais.

sobre os múltiplos significados daquele sacramento para aqueles sujeitos. Quais os sentidos atribuídos por aqueles diferentes protagonistas (índios, brancos, negros, escravos, ex-escravos, etc.) na celebração do batismo?

Por meio destas variáveis será possível a análise de diversos aspectos, quantitativos e qualitativos, da vida dos envolvidos naquele sacramento e, portanto, da sociedade da Freguesia do Mártir São Manoel do Rio Pomba e Peixe. Existia, como podemos perceber nos registros de batismo de inocentes e adultos, uma alta proporção de indígenas sendo batizados neste livro, seguida por indivíduos brancos e escravos. Essa tendência também se encontrava nas proporções entre os padrinhos e madrinhas.

Quando da passagem destes dados para o *software*, alguns ajustes tem de ser feitos, e para tanto nos valem das técnicas da demografia histórica, como dos recursos utilizados por pesquisadores que trabalharam com a mesma fonte. Claro que os mesmos não foram simplesmente transferidos para a nossa pesquisa; houve de nossa parte uma atenção quanto às possibilidades de usar ou não estes recursos para o caso em análise. Por exemplo, os indivíduos detentores de sobrenome foram denominados livres, certamente ter sobrenome não era exclusividade de pessoas livres, entretanto, isto se mostrou pertinente, haja vista que quando esses indivíduos possuíam outra condição social, a mesma era assinalada nos registros pelo pároco responsável.

As demais variáveis – como origem,

procedência, domicílio, data do batismo, nome do proprietário – tiveram seus campos preenchidos, e não poderiam deixar de ser, de acordo com as informações encontradas nos registros de batismo, e quando estas informações não existiam os campos tinham a designação “não consta”. Nos casos com apenas o nome, sem que fosse possível inferir qualquer informação sobre a condição do indivíduo, preferimos considerá-lo como “não consta”. Aliás, quando não foi possível obter a informação de alguma das variáveis, usamos no preenchimento do banco de dados a expressão “não consta”.

Quanto às variáveis legitimidade e sexo, procedemos da seguinte maneira: no primeiro caso, quando não houve menção expressa ao termo, supusemos que todos os registros em que apareceram pai e mãe nomeados tratavam de uma união legalmente sancionada pela Igreja, conseqüentemente, os inocentes eram legítimos. No entanto, aqueles para os quais só foi possível saber sobre a mãe foram designados “naturais” (ilegítimos). No concernente à variável sexo, quando não foi possível saber o nome recorremos a alguns termos, que aparecem nas fontes, para estabelecer o sexo dos mesmos, tais como o inocente, a inocente, filha, filho, etc.

Efetivados os ajustes metodológicos que julgamos pertinentes, procederemos ao cruzamento das variáveis, procurando detectar quais os padrões demográficos encontrados na Freguesia do Mártir São Manoel do Rio Pomba e Peixe. De acordo com esses padrões, e por meio

da bibliografia especializada, vamos vislumbrar o comportamento da população daquela localidade no que diz respeito à demografia, aos laços de compadrio, de parentesco, dentre outros estabelecidos por aqueles sujeitos.

### Possibilidades de análise

As possibilidades de análise sobre aqueles que participaram desse rito católico são inúmeras, fossem eles batizados, seus pais, padrinhos ou madrinhas. Vão desde as variáveis demográficas clássicas: números de batismos; sexo

dos batizados; médias anuais de batismo; meses de maior incidência daquele sacramento; idade (inocente, párvulo, adulto); origem (crioulo, africano, índio); condição social/*status* jurídico (livre, escravo, forro); estado conjugal (casado, solteiro); ocupação (negociante, lavrador, etc.); procedência (mina, angola, ou Vila Rica, Turvo, etc.), dentre tantas outras possíveis. A percentagem sexual daqueles batizados demonstra certa estabilidade entre homens e mulheres, com uma ligeira vantagem para os do sexo masculino (Tabela 2).

**Tabela 2 - Sexo dos batizados da Freguesia do Mártir São Manoel do Rio Pomba e Peixe, 1767-1793**

Sexo	Número de batizados	%
Feminino	543	48,3
Masculino	581	51,7
<b>Total</b>	<b>1124</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Livro de Batismo da Freguesia do Mártir São Manoel do Rio Pomba e Peixe, 1767-1793. AEAM.

Algumas questões que demonstram estratégias e aspectos do cotidiano daquela sociedade podem ser levantadas pelas fontes como, por exemplo, se houve a prática de batismos coletivos entre aqueles anos. Esse fato pode demonstrar uma predileção por dias específicos da semana, como o domingo para a celebração do sacramento, ou ainda se havia ou não, no caso desses batismos coletivos, a participação de um mesmo padrinho/madrinha para os batizados.

A análise desses registros paroquiais também possibilita demonstrar, de maneira mais pormenorizada, quais eram as estruturas demográficas que a Freguesia possuiu durante aquele recorte cronológico, ou seja, quais as proporções de homens e mulheres de origem indígena, cativa e livre. Da mesma forma, como eram demograficamente compostas as proporções de batizados adultos e inocentes entre a população? Nos casos específicos dos adultos que

foram batizados, é possível perceber se o perfil dos padrinhos/madrinhas eram muito diferentes dos inocentes.

No caso de batizados cativos, se os “pais espirituais” pertenceram à mesma propriedade do batizado ou se, por outro lado, houve uma mobilidade geográfica com a incorporação de padrinhos/madrinhas pertencentes a outras posses. Ou seja, para esses escravos, em sua maioria de procedência africana, e muito provavelmente boçais (recém-chegados), foi possível estabelecer laços com outros indivíduos de mesma condição, o que poderia proporcionar-lhes certa inserção no novo ambiente, ou por outro lado seus padrinhos foram escolhidos ao “acaso”?

Outra questão importante, que poderá ser analisada, tem relação com o apadrinhamento daquela maioria de crianças (inocentes) e adultos de maioria indígena. O batismo cristão introduzia os índios no compadrio, que tanto na sociedade colonial como na imperial foi de fundamental importância para os indivíduos envolvidos neste sacramento, já que sua importância extrapolava os laços estabelecidos na pia batismal e se fazia presente nas relações cotidianas daquelas pessoas.

Os padrões do compadrio permitem verificar os relacionamentos entre índios, escravos, livres que fizeram parte dos batismos. Qual o padrão de compadrio estabelecido por eles? Os padrinhos eram exclusivamente outros indígenas? E nesse caso eram das mesmas etnias que seus compadres? Ou ainda, esses indígenas buscaram tecer relações de

parentesco espiritual com indivíduos de *status* superior ao seu?

O apadrinhamento permite perceber quais as relações de solidariedade e reciprocidade que aqueles compadres puderam estabelecer. Foram relações horizontais (indivíduos de mesmo *status* social) ou verticais (com pessoas de *status* social superior ao dos pais dos batizados)? Esse aspecto das relações de compadrio é bastante importante, pois demonstra quais as estratégias dos indivíduos no que diz respeito aos laços de solidariedade, que começavam naquele rito cristão, mas extrapolavam os espaços religiosos e se faziam presentes nas vidas de compadres e seus afilhados e no caso dos inocentes também com seus pais. Essas análises podem ser feitas para livres, escravos e índios.

A análise da fonte permitirá também perceber se as disposições das *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, quanto à forma com que deveriam ser realizados os batismos, foram ou não seguidas pelo pároco Manoel José de Maria. As *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* tinham normas bem claras para a celebração dos sacramentos cristãos.

No que diz respeito ao batismo, podemos verificar se houve por parte do pároco o cumprimento das leis constantes naquele código, como por exemplo, o tempo transcorrido entre o nascimento e o batismo que deveria ser de oito dias foi cumprido? No caso do batismo, a mesma dizia que deveria haver unicamente um padrinho e uma madrinha. Houve como

determinado pelas Constituições somente um padrinho e uma madrinha para o batizando?

Por meio da análise dos registros feitos no livro que estudamos, poderemos verificar se o vigário seguiu as normas vigentes naquele código com relação a estas e outras questões que diziam respeito ao sacramento. Além disso, no caso específico dos padrinhos/madrinhas, será possível perceber as diferenças na sua composição. O que pode demonstrar quais as estratégias que os pais dos inocentes e os batizados como adultos procuraram estabelecer nos laços de parentesco espiritual (compadrio) a partir daquele.

A legitimidade influenciou na composição de padrinhos? Essa é uma pergunta possível de ser respondida pela análise da fonte. Filhos legítimos teriam tido padrinhos de condição social diferenciados dos filhos naturais, frutos de um relacionamento não sancionado pela igreja? Os registros de batismo, na medida em que demonstrem ou não a existência de um padrão hierarquizado entre os pais, padrinhos e madrinhas, podem expressar estratégias de socialização. Filhos legítimos teriam padrinhos livres, detentores de prestígio social e econômico, e filhos naturais indivíduos de *status* inferior, ou procuraram solidariedades com pessoas de nível mais elevado, com o intuito de tecer relações com aqueles que pudessem lhes socorrer em caso de necessidade? Houve uma lógica própria para a escolha de padrinhos ou madrinhas?

Os batismos feitos pelo vigário Manoel Jesus de Maria são bastante interessantes, já que o modo como ele registrou muitas das vezes nos permite reconstituir relações familiares entre os envolvidos naquele sacramento. Conseguimos saber quais os laços familiares existentes entre padrinhos e madrinhas e desses com os batizados e seus pais. Da mesma forma, é possível saber quem eram os avós maternos e paternos do batizando, o que, como já dissemos, possibilita conhecer a família extensa e, em alguns casos, a localidade de morada desses parentes.

Embora houvesse uma forma ideal com a qual os registros deveriam ser feitos, na prática os estudos demonstram que não houve uma homogeneidade na confecção dos registros. Os assentos de batismo, casamento ou óbito de livres, escravos e ex-escravos, por exemplo, possuem diferenças entre si normalmente, com os primeiros sendo mais bem redigidos pelos clérigos, o que se reflete em uma maior disponibilidade de dados relativos aos indivíduos envolvidos em determinado sacramento. No caso dos batismos, por exemplo, os registros relativos à população livre, sobretudo aqueles mais abastados, trazem além dos dados relativos a pais, mães, padrinho/madrinha dos batizados (como domicílio; idade, ocupação, etc.) informações sobre sua linhagem materna e paterna, o que possibilita ao pesquisador conhecer uma larga parcela das redes de parentesco de uma família. No caso de escravos e ex-escravos, e também indígenas, as informações podem ser mais rasas, mas

não menos interessantes, principalmente do ponto de vista social. Desnecessário dizer que esse não é um padrão imutável. Nesse sentido, muito importante é a figura do religioso encarregado pela consecução daqueles sacramentos, ou seja, na verdade essa maior disponibilidade de dados sobre os envolvidos nos sacramentos depende muito do responsável pelos sacramentos. Se era mais metódico, as possibilidades de informações são maiores, caso contrário elas são menores.

No caso da Freguesia em estudo, que, apesar de sua importância, ainda

tem sido pouco estudada, os registros paroquiais permitem vislumbrar uma região que contou, ao longo do século XVIII, com uma forte presença indígena. A ampla maioria dos batizados ocorridos entre 1767-1793 era composta por inocentes, vindo logo a seguir os adultos. Se agregarmos aos inocentes os descritos como párvulos e párvulo/inocente as crianças aumentam seu percentual entre os batizados. Como se trata de uma população indígena grande, a presença desses se faz sentir de forma majoritária entre adultos e crianças (Tabela 3).

**Tabela 3— Sexo e idade dos batizados da Freguesia do Mártir São Manoel do Rio Pomba e Peixe, 1767-1793**

Sexo	Idade					Total
	Não consta	Adulto	Inocente	Párvulo	Párvulo/Inocente	
Feminino	44	129	366	4	0	543
Masculino	58	142	368	12	1	581
<b>Total</b>	<b>102</b>	<b>271</b>	<b>734</b>	<b>16</b>	<b>1</b>	1124

**Fonte:** Livro de Batismo da Freguesia do Mártir São Manoel do Rio Pomba e Peixe, 1767-1793. AEAM.

Eram diversos os grupos indígenas de homens e mulheres registradas no livro de batismo, fossem eles adultos ou crianças (Tabela 4), da mesma forma, seus pais e padrinhos. Entretanto, a fonte permite perceber também a presença, ainda que pequena, de alguns africanos convivendo no interior do aldeamento, em sua maioria da região de Benguela. Por meio da análise desses grupos, será possível perceber se

no caso dos pais daqueles indivíduos os casamentos eram exogâmicos ou endogâmicos.<sup>25</sup>

<sup>25</sup> Baseando-nos na historiografia, consideramos casamentos endogâmicos aqueles ocorridos entre "iguais", dentro de seu próprio grupo, no que diz respeito à origem ou à cor, índio com índia, crioulo com crioula, pardo com parda, africano com africana. Os casamentos exogâmicos são os que ocorrem fora do grupo, entre os "desiguais" também com relação à origem e cor, ou seja, africano com índia, índio com branca, etc.

Houve um fechamento entre grupos étnicos, no que diz respeito aos enlaces matrimoniais, ou, por outro lado, a questão dos grupos/procedência (no caso de africanos) pouco influenciou nos casamentos ocorridos entre aquelas pessoas? Esses aspectos relativos aos matrimônios também podem ser estudados para os padri-

nhos e madrinhas. Isto nos faz pensar nas possibilidades de arranjos mestiços biológicos no aldeamento, já que as mestiçagens culturais evidentemente estavam presentes com aportes da cultura cristã ocidental, indígena e negra. A tabela abaixo mostra a variedade de grupos existentes naquela localidade.

**Tabela 4 – Grupo/procedência, segundo o sexo dos batizados da Freguesia do Mártir São Manoel do Rio Pomba e Peixe, 1767-1793**

Grupo/procedência	Sexo		Total	%
	Feminino	Masculino		
Não consta	331	344	675	60,1
Benguela	2	6	8	0,7
Bochayû	0	1	1	0,1
Croada	14	9	23	2,0
Croado	0	1	1	0,1
croata	1	0	1	0,1
Croata	136	131	267	23,8
Croato	0	10	10	0,9
Cropó	52	69	121	10,8
Guarulho	0	8	8	0,7
Índia	3	0	3	0,3
Índio	0	1	1	0,1
Moçambique	0	1	1	0,1
Puri	4	0	4	0,4
<b>Total</b>	<b>543</b>	<b>581</b>	<b>1124</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Livro de Batismo da Freguesia do Mártir São Manoel do Rio Pomba e Peixe, 1767-1793. AEAM.

A fonte nos permite uma possibilidade de pesquisa aqui. Havia apenas 4 mulheres Puri no aldeamento. O Puri foi

um grupo que historicamente não aceitou ser aldeado, e quando o fez, foi com condições muito específicas, quando já

não conseguia mais lutar. Eram inimigos dos Coroados e Coropós. Pode ser que estas 4 mulheres tenham ido para o aldeamento à força, como botim de guerras.

Embora o número de escravos crioulos e africanos encontrados neste livro de batismo fosse pequeno, sua importância em conjunto com índios aldeados pode ser percebida, dentre outros aspectos no combate aos quilombos que assolavam a região.

A utilização de índios aldeados para atacar quilombos ou para procurar negros fugidos dentro das matas foi uma constante em Minas Gerais. Durante uma expedição na Serra Negra, no Xopotó, liderada por Manoel Rodrigues da Costa e seguida pelo Frei Manoel de Jesus Maria juntamente com alguns de seus índios aldeados, foi vista uma fumaça a alguns quilômetros dentro da mata. Todos imaginaram que, pela sua formação, ela estaria sendo feita por grupos de negros fugidos que viviam naquelas imediações ao prepararem a área para plantações futuras. As lideranças retornaram ao aldeamento e deixaram apenas um grupo de 30 homens entre brancos e índios à procura do quilombo. Na realidade, o grupo localizou um dos supostos quilombolas e o levou preso ao aldeamento. Lá, conseguiram que o dito negro confessasse algumas coisas a seu próprio respeito e sobre a estrutura quilombola.

De acordo com a Carta de Manoel de Jesus Maria da Aldeia da Vila do Pomba do dia 30.9.1770: "(...) O puseram alguns camaradas em confissão dando lhe alguns tratos e como ele tem mais de boçal do que ladino declarou ele preto angola (...)".<sup>26</sup> Disse também que: "(...)

<sup>26</sup> Carta de Manoel de Jesus Maria da Aldeia da Vila do Pomba 30.9.70 - Biblioteca Nacional, Arquivo Conde de Valadares (Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos) Documentos. 11218,2,6.

Há verdade, é certo ser o quilombo muito grande, e muito antigo e distancia grande e sempre (...)".<sup>27</sup> Para entenderem o que dizia o negro usaram **um outro escravo**, também africano, que vivia no aldeamento. E por meio dele ficou-se sabendo que ele havia sido "...induzido ele com quatro parceiros por outros pretos e levados a uma grande povoação dos mesmos pretos...".<sup>28</sup>

Se não se pode afirmar ainda que houve uma miscigenação biológica, pode-se dizer que o convívio destes índios e negros em conjunto com os brancos deve ter possibilitado uma miscigenação cultural e que poderá, quem sabe, ser percebida por meio das relações estabelecidas entre esses indivíduos que fizeram parte daqueles batizados.

Outra interessante possibilidade de análise, é que a fonte permite verificar que muitos dos pais daqueles inocentes batizados não possuíam o sacramento do batismo perante a igreja católica. Isso pode ser percebido quando o pároco, ao dizer quem eram os pais do batizando, se referiu a eles como: Gentios/catecúmenos. O gentio, segundo o dicionário Bluteau, era o pagão, portanto, aquele que ainda não havia se convertido à fé católica.<sup>29</sup> O catecúmeno era aquele que estava sendo instruído para o batismo, aprendendo a doutrina cristã, o que nos faz pensar também se os mesmos eram casados, já que para se obter tal sacramento era necessário que os envolvidos fossem batizados.

<sup>27</sup> Ibidem.

<sup>28</sup> Ibidem.

<sup>29</sup> BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & Latino*: aulico, anatomico, architectonico ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v.

Portanto, muitas daquelas crianças ditas como legítimas (Tabela 5) eram as que se sabia quem eram os pais, muitos deles vivendo em relações familiares há muito tempo, e não aquelas oriundas de relacionamentos sacramentados pela igreja católica. Parece que o fato de seus pais estarem sendo instruídos na fé levou o vigário a descrevê-las como de condição legítima, embora muitos de seus pais não fossem casados perante a Igreja.

Essa afirmação é corroborada na medida em que o vigário, ao longo de muitos assentos, diz que os pais ainda não eram batizados e que iriam se casar. As crianças naturais continuavam sendo as que possuíam somente pai ou mãe. Não que não se soubesse quem eram os pais, mas como estes não eram casados, o pároco as descrevia como naturais.

**Tabela 5– Sexo e legitimidade dos batizados da Freguesia do Mártir São Manoel do Rio Pomba e Peixe, 1767-1793**

Sexo	Legitimidade			Total
	Não consta	Legítimo	Natural	
Feminino	283	210	50	543
Masculino	326	209	46	581
<b>Total</b>	609	419	96	1124

**Fonte:** Livro de Batismo da Freguesia do Mártir São Manoel do Rio Pomba e Peixe, 1767-1793. AEAM.

Outra característica dos registros paroquiais da Freguesia do Mártir São Manoel do Rio Pomba e Peixe é a que permite conhecer a localidade na qual residiam ou residiram os envolvidos naqueles batismos. Isso possibilita traçar uma cartografia bastante interessante, pois permite perceber a mobilidade geográfica daqueles pais, mães, padrinhos, madrinhas, e outros envolvidos naquele sagrado sacramento.

Como já dissemos, a família é outro aspecto que poderá ser alvo de pesquisa, já que por meio do conhecimento dos

nomes dos pais poderemos saber se estes levaram ao longo daqueles anos outras crianças para serem batizadas. Claro que o intercruzamento destes registros paroquiais com outras fontes alargará o conhecimento das famílias, fossem elas de índios, escravos ou brancos. Como já dissemos, o vigário muitas vezes demonstrou nos registros as relações de parentesco (irmãos, pais, avós, primos, etc.) entre batizados, pais, mães, padrinhos, madrinhas. Neste aspecto, uma possibilidade de análise importante diz respeito aos casamentos mistos.

De acordo com o Diretório Pombalino destinado aos Diretores dos aldeamentos, uma das formas de se obter a paz e a união entre índios e brancos deveria ser o incentivo ao matrimônio. Nesse aspecto, essa fonte pode servir como um espelho para perceber essas possíveis relações mistas. Da mesma forma, o Diretório determinava que os batizados deveriam receber sobrenomes e isso também deverá ser averiguado por meio da análise dos registros paroquiais de batismo. As análises dos regulamentos do Diretório Pombalino, em contraste com o livro de batismo da freguesia em estudo, serão de extrema importância para o conhecimento do cotidiano daqueles indivíduos.

Um item que merece destaque em nossas análises diz respeito à variável “observações” do nosso banco de dados, nela estão contidos todos os conhecimentos do vigário Manoel de Jesus sobre aqueles indivíduos. Desde sua procedência, relações familiares, se são casados, solteiros, ou ainda vão casar, suas profissões, patentes/títulos (inclusive para os filhos de índios), relações com os “bons” da freguesia, no caso de alguns indivíduos notadamente de grupos indígenas “mora na casa de”, etc. Essa variável será de extrema importância para o conhecimento do cotidiano e das relações estabelecidas entre aquelas pessoas.

Uma possibilidade bastante interessante que essa fonte proporciona é a de comparação entre pesquisas e entre recortes geográficos e cronológicos, o que em geral permite uma possibilidade bas-

tante interessante para o conhecimento de aspectos cotidianos, demográficos, sociais, políticos e econômicos de localidades e períodos distintos, resguardando-se o pesquisador a uma metódica metodologia de pesquisas para não generalizar padrões.

Outra questão importante diz respeito às possibilidades de cruzamento entre fontes. Os registros paroquiais por serem fontes de caráter nominativo/nominal podem ser utilizados em conjunto com outras fontes tais como testamentos, inventários, cartas de liberdade, processos-crime, etc. Essa ligação nominativa de fontes muito contribui para o conhecimento de características da população estudada, bem como alarga o conhecimento de aspectos diversos do cotidiano e das relações de indivíduos ou de uma sociedade. O cruzamento do livro de batismo da Freguesia do Mártir São Manoel do Rio Pombo e Peixe com outras fontes permitirá o conhecimento de outros aspectos do cotidiano daquelas pessoas, o que se fará em uma segunda etapa do trabalho.

Esse caráter nominal e serial deste tipo de fonte permite também seguir indivíduos/famílias ao longo do tempo. É possível encontrar uma mesma pessoa em momentos diversos daqueles registros. Nascer, casar e morrer são momentos importantes na vida de uma pessoa. Portanto, por meio do nome de um indivíduo podemos ter acesso a momentos importantes de sua vida, desde o momento em que foi batizado, passan-

do pelo matrimônio (que às vezes podia acontecer mais de uma vez) até o momento de sua morte. O caráter nominal dessas fontes permite então “perseguir” determinada pessoa e conhecer um pouco melhor sua vida. Podemos saber quem eram seus pais e às vezes até seus avôs, irmãos e outros aparentados; quem eram seus padrinhos/madrinhas; com quem e quando se casou; quando e como faleceu. Da mesma forma, que tipos de relações estabeleceu ao longo da vida, com que pessoas, com quais famílias.

O que podemos perceber é que fontes como os registros de batismo trazem evidências que permitem o conhecimento de interessantes práticas e experiências de uma determinada população, fosse ela indígena ou não.

Enfim, há uma infinidade de perguntas que podem ser feitas pelos pesquisadores e as respostas, embora as fontes tenham um caráter “padrão”, nem sempre, na verdade quase nunca, são as mesmas. As perguntas que fazemos para os registros paróquias de batismo da Freguesia do Mártir São Manoel do Sertão do Rio Pombo e Peixe dos índios Cropós e Croatos podem não ser as mesmas feitas por outros grupos. Portanto, uma mesma fonte possibilita uma enormidade de respostas.

#### **Fontes impressas e manuscritas**

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino*: aulico, anatomico, architectonico ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v.

*Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Feitas, e ordenadas pelo Illustriissimo, e Reverendissimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide. 5º Arcebispo do dito Arcebispado, e do Conselho de Sua Magestade. Propostas, e Aceitas em o Synodo Diocesano, que o dito senhor celebrou em 12 de Junho do anno de 1707. Impressas em Lisboa no anno de 1719, e em Coimbra em 1720 com todas as Licenças necessárias, e ora reimpressas nesta capital. São Paulo na Typographia 2 de Dezembro de Antonio Louzada Antunes, 1853.

Livro de Batismo da Freguesia do Mártir São Manoel do Rio Pombo e Peixe, 1767-1793. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

#### **Referências bibliográficas**

AMANTINO, Marcia. *O mundo das feras: os moradores do sertão oeste de Minas Gerais – século XVIII*. São Paulo: Annablume, 2008.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

ALMEIDA, Rita Heloísa de. *O diretório dos Índios: um projeto de civilização no Brasil do século XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

CARRARA, Angelo Alves. *Estruturas agrárias e capitalismo: contribuição para o estudo da ocupação do solo e da transformação do trabalho na Zona da Mata mineira (séculos XVIII e XIX)*. Departamento de História, Núcleo de História Econômica e Demográfica. Série Estudos, nº 2, Mariana: UFOP, 1999.

\_\_\_\_\_. *A Zona da Mata de Minas Gerais: diversidade econômica e contínuo (1839-1909)*. Niterói, RJ, Universidade Federal Fluminense, 1993 (Dissertação de Mestrado em História).

CASTRO, Natália Paganini Pontes de Faria. *Entre coroados e coropós: a trajetória do padre Manuel de Jesus Maria nos sertões do Rio Pombo (1731-1811)*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010. (Dissertação de Mestrado).

FEITLER, Bruno; SALES SOUZA, E. (Org.). *A Igreja no Brasil: normas e práticas durante a vigência das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Editora Unifesp, 2011.

FURTADO, Júnia Ferreira (org.). *Diálogos oceânicos: Minas Gerais e as novas abordagens para uma história do Império Ultramarino Português*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2001.

GÓES, José Roberto. *O cativo imperfeito: um estudo sobre a escravidão no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX*. Vitória: Lineart, 1993.

GUDEMAN, S. & SCHWARTZ S. Purgando o pecado original: compadrio e batismo de escravos na Bahia no século XVIII. In: REIS, João José (org.). *Escravidão e invenção da liberdade: estudos sobre o negro no Brasil*. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1988.

HELOISA, Meira. *Batismo e compadrio de índios: um balanço bibliográfico e um estudo de fontes batismais do aldeamento de Rio Pombo e Peixes (MG), 1767-1787*. Disponível em: < <http://www.ichs.ufop.br/seminariodehistoria> >.

KJERFVE, T. M. G.N., BRUGGER, S. M. J. Compadrio: relação social e libertação espiritual em sociedades escravistas (Campos, 1754-1766). *Estudos Afro-Asiáticos*, 20, junho de 1991.

LAMAS, Fernando Gaudereto. Povoamento e colonização da Zona da Mata mineira. *Histórica* (São Paulo. Online), São Paulo, v. único, n. 8, p. 1-9, 2006.

MARCATO, Sônia de Almeida. A repressão contra os botocudos em Minas Gerais. In: *Boletim do Museu do Índio – Etnografia*. Nº 1, maio, 1979.

MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PAIVA, Adriano Toledo. Pelas águas do batismo: A Freguesia de São Manoel da Pombo e a civilização do gentio. *Anais do Primeiro Colóquio do LAHES*. Juiz de Fora, 13 a 16 de Junho de 2005.

- \_\_\_\_\_. *Os indígenas e os processos de conquista dos sertões de Minas Gerais (1767-1813)*. Belo Horizonte: Argvmentum, 2010.
- RESENDE, Maria Leônia. C. *Gentios brasílicos: índios coloniais nas Minas Gerais do século do ouro*. São Paulo: Hucitec, 2008.
- SANTIAGO, Sinval. *História do município de Rio Pomba: síntese histórica*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991.
- SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- SOKULSKI, Marcos. *Depois de estar instruído nos ministérios da fé: batismos de indígenas e identidade social em Curitiba, século XVIII*. Trabalho de conclusão de curso. (Graduação em Licenciatura e Bacharelado em História) - Universidade Federal do Paraná, 2010.
- SOUZA, Elza Coelho de. Distribuição das propriedades rurais no Estado de Minas Gerais. *Revista Brasileira de Geografia*, jan.-mar. 1951, 13(1).
- TAKATUZI, Tatiana. *Das guerras ao batismo: interpretações e representações indígenas nos campos de Guarapuava no século XIX*. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social).
- VENANCIO, Renato Pinto. Antes de Minas: fronteiras coloniais e populações indígenas. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos. (Org.). *História de Minas Gerais: as Minas Setecentistas*. V.1. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007.
- \_\_\_\_\_. Os últimos dos Carijós: escravidão indígena em Minas Gerais: 1711-1725. *Revista Brasileira de História*. Volume 17, nº 34, São Paulo, 1997.